

ARTIGO

# As contradições de Plutarco na construção de Alexandre

*Lucas Ferreira da Silva*

Graduando em História pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

## RESUMO

Plutarco certamente dá grande ênfase aos aspectos positivos de sua personagem na construção que faz de Alexandre em sua biografia. Em seu esforço de descrever o rei como uma espécie de governante ideal, Plutarco deixa transparecer em seu texto algumas passagens que contradizem seu próprio ponto, revelando um Alexandre mais próximo de um ser humano comum do que gostaria seu biógrafo, porém, não menos glorioso. Neste artigo, busco identificar e expor pontos onde a imagem idealizada que Plutarco constrói de Alexandre em sua vida entra em conflito com comportamentos irascíveis e impulsivos do rei. Proponho também uma breve análise do contexto histórico e social do biógrafo, procurando entender que motivos teria para construir um rei que servisse como modelo de governante, explorando o conceito de biografia na antiguidade.

ALEXANDRE - BIOGRAFIA - MUNDO HELENÍSTICO  
PLUTARCO - VIDAS PARALELAS

## I- BIOGRAFIA NA ANTIGUIDADE

Havia na antiguidade uma distinção clara entre história e biografia. A história desenvolve-se, junto de outros saberes, a partir do século V a.C., sendo, então, uma ferramenta para registrar acontecimentos políticos, como guerras e feitos de grandes reis. A biografia desenvolve-se mais tarde, “nos períodos helenístico e romano, quando os escritores davam estilo biográfico a tudo quanto se relacionava a todos os tipos de pessoas”<sup>1</sup>.

Por ser recorrente que biógrafos pouco conhecessem sobre a vida de seus biografados e escrevessem arbitrariamente sobre estes, a biografia era vista como a-histórica. A isso deve-se responsabilizar também o modo como eram escritas. Contém elogios, críticas, comentários e julgamentos de valor do autor sobre o biografado, o que também a fazia diferente da história, que se centrava em acontecimentos puramente políticos e em retratar a “verdade”. Devido a seu caráter arbitrário, as obras de Plutarco eram vistas na como a-históricas, sendo associadas à literatura e à pedagogia<sup>2</sup>. No século XX, passaram a interessar aos historiadores. Seu conteúdo pode e deve ser tratado como o de qualquer outra fonte, com a máxima imparcialidade e com a noção de que podem conter lacunas<sup>3</sup>.

Plutarco não se declarava historiador, e nem desejava escrever História, como diz no começo da *Vida de Alexandre*, “não escrevemos histórias, mas biografias”<sup>4</sup>. Deixa claro que seu objetivo não era escrever as memórias de guerra de Alexandre, mas fazer um relato sobre sua vida e seu caráter. Apesar do próprio biógrafo deixar claro que seu objetivo não é escrever história, estudiosos modernos encontram em seu texto características historiográficas. É o caso de Maria Aparecida de Oliveira Silva, que diz que “a dualidade do gênero literário de sua obra está na existência de uma forma biográfica e de um conteúdo histórico, fato que deu margem a classificações aparentemente contraditórias”<sup>5</sup>. Já para Alan Wardman, Plutarco escrevia de maneira similar à que faziam os peripatéticos, descrevendo seu personagem e os acontecimentos de acordo com seu próprio julgamento<sup>6</sup>.

## II. O CONTEXTO HISTÓRICO DE PLUTARCO

Nascido em Queronéia, província da Beócia, onde também passou grande parte da vida, por volta de 40 d.C., Plutarco começa a escrever suas Vidas durante o reinado dos Flavianos. Em sua época, Queronéia era uma cidade grega sob domínio de Roma, logo, Plutarco foi influenciado por ambas culturas. Concluiu seus estudos em Atenas, com o egípcio Amônio de Lampra, quando tinha cerca de 20 anos, e, ao retornar para Queronéia, dedica-se a escrever suas biografias, à vida pública e à religião.

Nesta época, vivia-se sob o governo do princeps, que era, “ao mesmo tempo, o mito-vivo, o chefe e o cidadão mais próximo de todos”<sup>7</sup>. A relação de Plutarco com estes governantes nem sempre foi boa. Tendo visto alguns de seus

1 MOMIGLIANO, Arnaldo. *História e biografia*. In.: FINLEY, Moses I. *O Legado da Grécia: Uma Nova Avaliação*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998, p. 188.

2 SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. *Plutarco Historiador: Análise das biografias espartanas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006, p. 41

3 ZIEGLER, Vanessa. *Plutarco e a formação do governante ideal no principado Romano: uma análise da biografia de Alexandre*. Assis, 2009, 154 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista, p. 31

4 PLUTARCO, *Vida de Alexandre*, 1. In.: \_\_\_\_\_, *Vidas Paralelas. Introdução e notas de Paulo Matos Peixoto, tradução de Gilson Cesar Cardoso, Paumape*, 1991, 5 v.

5 SILVA, 2006, *Op. Cit.*, p.36

6 WARDMAN, A. E. *Plutarch and Alexander*. *The Classical Quarterly*, v. 5, n. 1-2, p. 96-107, 1955.

7 ZIEGLER, 2009, *Op. Cit.*, p. 43

amigos serem exilados pelos Flavianos, Plutarco critica seu governo, mas o faz de forma moderada, talvez por temer acusações de traição.

Para Christopher P. Jones, esse período foi marcante na vida e na produção literária de Plutarco. O autor diz que, quanto aos Flavianos, a atitude do biógrafo é “notadamente hostil. Vespasiano é caracterizado como cruel e infeliz. Já Domiciano é o arquétipo de arrogância e extravagância vulgar”<sup>8</sup>.

Durante o governo de Trajano, Plutarco encontra-se em posição mais confortável. Tendo amigos próximos ao príncipe<sup>9</sup>, o biógrafo torna-se respeitado por cidadãos romanos importantes. Sendo amigo de pessoas próximas ao rei, dedica suas Vidas a Sósio Senecião, um destes amigos, o que pode indicar que tinha o objetivo de que estas chegassem a ele<sup>10</sup>.

Nesse contexto, escrever a biografia de Alexandre da Macedônia não poderia ser, para Plutarco, um trabalho livre de sua subjetividade. O próprio, reiterando, deixa claro que não tinha interesse algum em escrever História, mas que queria descrever o caráter do rei. Isso não necessariamente significaria escrever um relato subjetivo e idealizado a respeito de Alexandre e seus feitos, mas, muito embora possa não ter sido seu objetivo consciente, Plutarco descreve um Alexandre idealizado por ele.

### III. A CONSTRUÇÃO DE ALEXANDRE

Plutarco apresenta Alexandre como descendente dos deuses, destinado a grandes feitos. Logo no começo de sua obra, afirma que ele descende “de Hércules, por meio de Carano, do lado paterno e de Neoptolemo, por meio de Eácides, do lado materno”<sup>11</sup>. De certa forma corroborando a crença de que Alexandre seria filho de Zeus e não de Filipe, Plutarco conta que, na noite em que Alexandre foi concebido, sua mãe, Olímpia, sonhou ter sido atingida por um raio em seu ventre. Também diz que Filipe perdeu um dos olhos ao espiar, por uma fechadura, Olímpia deitada ao lado de um deus em forma de serpente, mas não especifica qual seria o deus. Filipe também teria sonhado marcar o ventre de sua esposa com um sinete no qual estava gravado a imagem de um leão, implicando que Olímpia estaria grávida e que daria à luz “um menino cheio de coragem, da natureza do leão”<sup>12</sup>, outra possível alusão a Hércules.

Apresentar Alexandre dessa forma seria uma maneira de legitimar seu poder e seu destino grandioso. Para Plutarco, a ascendência divina de Alexandre era um “elemento importante que definiria o caráter de sua personagem, e que implicaria em todas as suas ações futuras”<sup>13</sup>. Por isso, como Vanessa Ziegler afirma em sua dissertação de mestrado, Plutarco insiste em associar Alexandre a Zeus e a Hércules. Ambos Filipe e Alexandre já se utilizavam de tais associações para legitimar seu poder e conquistas. Sua ascendência seria, então, a fonte de sua coragem e ímpeto.

Segundo Wardman, Plutarco descreve Alexandre como um *thymoieidis*, “em ambos os sentidos da palavra: num bom sentido, na medida em que Alexandre

8 JONES, Christopher *Prestige. Plutarch and Rome*. Oxford, University Press, 1972, p. 55.

9 ZIEGLER, 2009, *Op. Cit.*, p. 51.

10 Para mais sobre a circulação de obras literárias na antiguidade, ver STARR, Raymond J. *The circulation of literary texts in the Roman world. The Classical Quarterly*, v. 37, n. 1, p. 213-223, 1987.

11 PLUTARCO, *Vida de Alexandre*, 1.

12 *Vida de Alexandre*, 2.

13 ZIEGLER, 2009, p. 111.

14 WARDMAN, 1955 p. 97 "The Life, on the other hand, depicts Alexander as an [...], in both senses of the word: in a good sense, in so far as Alexander is ambitious, in a bad sense, when he acts angrily".

15 Ibid., p. 97.

16 RUSSELL, Donald Andrew. On Reading Plutarch's Lives. Greece & Rome, v. 13, n. 02, p. 144, 1966.

17 Sobre o conceito de paideia, a educação grega, ver FONSECA, Maria de Jesus. A Paidéia grega revisitada. Millenium, 1998.

18 Ibid., p. 142.

19 Vida de Alexandre, 4.

20 Vida de Alexandre, 21.

21 Ibid., 29.

22 DIODORO, Bibliotheca histórica, XVII.39.1-2. In.: AUSTIN, Michel M. The Hellenistic world from Alexander to the Roman conquest: A selection of ancient sources in translation. Cambridge University Press, 2006.

é ambicioso, num mau sentido, quando ele age pela raiva"<sup>14</sup>. Para o autor, Plutarco se preocupa apenas em relatar as fortunas de seus biografados.<sup>15</sup>

Assim como o faz em outras biografias<sup>16</sup>, Plutarco fala sobre a educação de seu biografado no começo de sua obra, o que, para Donald Russel, fazia para mostrar aos romanos a importância da *paideia*<sup>17</sup> grega, uma vez que acreditava que o sucesso grego era um sucesso político e que a *paideia* seria o caminho para a boa realização dos interesses da república.<sup>18</sup>

Plutarco descreve Alexandre como sendo comedido em relação aos prazeres do corpo. Diz que, "a despeito dos arroubos e do empenho violento em quase tudo o que fazia"<sup>19</sup>, contentava-se mais com a glória do que seria esperado para alguém de sua idade. Também coloca que Alexandre era extremamente gentil e generoso, esse seria, inclusive, um dos principais pontos de sua obra, a ser retomado várias vezes com diversos exemplos, alguns dados em forma de pequenas anedotas. Destes vários momentos onde Alexandre é descrito como um homem benevolente e generoso, destaco a ocasião em que, após a Batalha de Isso, Alexandre acolhe a mãe, esposa e filhas do rei persa Dario, seu inimigo. Ele comunica a elas que Dario não estava morto e que elas continuariam sendo tratadas com as honras a que estavam acostumadas. Segundo Plutarco, Alexandre ficou "mais emocionado com a desgraça das mulheres que sua própria felicidade"<sup>20</sup>.

A despeito disso, quando Dario enviou-lhe uma carta oferecendo um resgate pela sua família, e, de acordo com Plutarco, buscando estabelecer um acordo e uma relação de amizade com o rei, Alexandre recusou-se a aceitar<sup>21</sup>. De acordo com Diodoro, Alexandre escondeu a verdadeira carta de Dario, e entregou ao seu conselho uma carta falsificada<sup>22</sup>, episódio a que o biógrafo não faz menção. Plutarco diz que, logo após, Alexandre arrependeu-se amargamente da recusa, pois a esposa de Dario faleceu ao dar à luz.

Na verdade, Plutarco fala bem pouco sobre a carta de Dario e da resposta de Alexandre a esta, talvez porque a carta do rei a seu rival não teria sido tão amigável quanto talvez gostaria o biógrafo. Se acreditarmos nas palavras de Arriano, a carta era recheada de acusações e tinha um tom claramente agressivo, quase ameaçador, dizendo a Dario que

*venha até mim e peça e receba sua mãe, sua esposa, suas filhas e o que mais você quiser. O que quer que consiga me persuadir a te dar, será seu. No futuro, quando se comunicar comigo, dirija-se a mim como rei da Ásia; não me escreva como um igual, mas faça seus pedidos ao mestre de todas as suas posses.*<sup>23</sup>

23 ARRIANO, Anábase de Alexandre, II.14. In.: Ibid.

Segundo Plutarco, Alexandre disse a Dario que "se fosse até ele [para pedir de volta sua família], seria tratado com a maior consideração; do contrário, marcharia sem tardança a seu encontro"<sup>24</sup>.

24 Vida de Alexandre, 29.

Plutarco comete outras contradições em sua obra. “Ao lado das virtudes podemos encontrar um homem violento e cheio de vícios”<sup>25</sup>, mas quando fala dos defeitos e erros de sua personagem, o faz de forma atenuada.

25 ZIEGLER, 2009, p. 111

Por exemplo, ainda no caso da esposa de Dario, Plutarco diz que após sua morte, “via-se bem o quanto sofria por ter perdido tão bela ocasião de manifestar sua bondade”<sup>26</sup>, em seguida conta que um dos camareiros capturados com elas teria fugido do acampamento para levar a Dario a notícia de que sua esposa havia falecido. Dario, ao saber, amaldiçoa o destino persa, por sua mulher morrer sem direito a uma sepultura real, ao que se segue uma longa fala do camareiro a respeito de como Alexandre é “tão generoso após a vitória quanto temível no combate”<sup>27</sup>, e de como este tratou bem sua esposa, mãe e filhas, e providenciou a sua esposa um enterro digno. Ao final da conversa com o camareiro, Dario roga aos deuses que, caso não consiga reestabelecer seu império, que “homem nenhum, a não ser Alexandre, se assente no trono de Ciro”<sup>28</sup>. Segundo Plutarco, isto é o que foi dito e que se passara segundo a maioria dos historiadores, porém, não cita quais.

26 *Vida de Alexandre*, 30

27 *Ibid.*

28 *Ibid.*

Plutarco dedica mais tempo a reproduzir a anedota do camareiro do que a falar sobre a carta de Alexandre a Dario, a qual Arriano nos fornece uma versão parafraseada, o que pode indicar que o biógrafo escolheu deliberadamente ignorá-la para corroborar a imagem de um Alexandre mais generoso.

Outra contradição se vê quando Plutarco diz que Alexandre não era bebedor, que adquiriu esta fama por passar por muito tempo de copo na mão durante conversas, sem realmente beber<sup>29</sup>. No entanto, quando da morte de Clito, Plutarco coloca que não foi de modo algum um assassinato premeditado, e que Alexandre teria matado o amigo por conta da bebedeira e de ânimos exaltados.<sup>30</sup>

29 *Ibid.*, 35.

30 *Ibid.*, 50.

Provas da generosidade de Alexandre não faltam. Era generoso com amigos, soldados e, como já vimos, até seus inimigos. Plutarco diz que sua generosidade aumentava à medida que seu poder crescia, e que se aborrecia mais com aqueles que recusavam seus presentes do que com os que o pediam favores (que o rei sempre concedia com prazer). Conta a história de um soldado raso que conduzia uma mula que carregava o ouro de Alexandre. O soldado, percebendo o cansaço do animal, decide tentar carregar o fardo. Ao deparar-se com a situação, Alexandre diz ao soldado que não desista de carregar o ouro, e deu-o ao soldado. Diz também que Alexandre escreveu a Fócion dizendo que “não o consideraria amigo se repelisse seus favores”<sup>31</sup>.

31 *Vida de Alexandre*, 39.

No entanto, nem todos se agradavam dos favores e presentes concedidos por Alexandre a qualquer um que pedisse ou aparentasse precisar. Olímpia, sua mãe, escreveu-lhe pedindo que moderasse os presentes que dava aos amigos. Os amigos, por sua vez, nem sempre estavam de acordo com as graças concedidas pelo rei. Alexandre não se importava em receber menos que seus amigos e soldados, ou até mesmo não receber nada para si. Plutarco diz que as distribuições de bens realizadas por Alexandre “absorveram quase todos os bens que ele possuía na Macedônia”<sup>32</sup>, o que, para Michel Austin, é um exagero por parte do biógrafo<sup>33</sup>.

32 *Ibid.*, 15.

33 AUSTIN, 2006, p. 28.

Plutarco dá a entender que, embora comedido quando o assunto era si mesmo, Alexandre não tinha limites para presentear amigos ou prestar favores a quem pedisse; deixa claro seus excessos em relação a generosidade e presentes, numa tentativa, talvez, de suavizar as faltas cometidas por Alexandre.

Ziegler diz que apesar do descontentamento produzido pelo excesso de favores do rei em alguns, “é a imagem da humanidade que sobressai de sua personalidade, e, que de certa forma, favorece o rei macedônio quando pesada na balança com seus vícios ou suas más ações”<sup>34</sup>.

34 ZIEGLER, 2009, *Op. Cit.*, p. 122.

Quando conta sobre a adoção de Alexandre às vestes bárbaras, por exemplo, diz que: “O espetáculo chocava os macedônios, que, entretanto, reconhecendo-lhe os méritos múltiplos, criam dever perdoar-lhe algumas concessões ao prazer e ao amor-próprio”<sup>35</sup>.

35 *Vida de Alexandre*, 45.

Pelas mudanças no comportamento de Alexandre, Plutarco culpa outros<sup>36</sup>. No caso do incêndio em Persépolis, o biógrafo culpa a ateniense Taís e os amigos do rei por terem o instigado a começar o fogo<sup>37</sup>. Aqui, Plutarco não diz se Alexandre bebia na ocasião, mas diz que Taís estava “no calor da embriaguez”. Para Wardman, Plutarco inclui na *Vida de Alexandre* trechos que o mostram sob “uma luz não favorável”<sup>38</sup>. Na obra há um homem capaz de fazer o bem, mas também capaz de algum mal.

36 WARDMAN, 1955, *Op. Cit.*, p. 101.

37 *Vida de Alexandre*, 38.

38 WARDMAN, 1955, *Op. Cit.*, p. 100.

Há uma passagem em que Plutarco diz que, no começo, ao julgar processos, o rei colocaria uma mão em uma das orelhas enquanto o acusador discursava, afim de mantê-la pura em favor do réu. Com o crescente número de processos, porém, Alexandre teria passado a dar mais ouvidos às acusações falsas. Plutarco diz ainda que, “era sobretudo quando falavam mal dele que perdia o sangue-frio, tornando-se duro e inexorável, pois zelava mais pela reputação que pela vida ou pela realeza”<sup>39</sup>. Essa passagem contradiz diretamente a imagem de rei generoso e bondoso que Plutarco constrói ao longo de toda sua obra. Aqui, o biógrafo comete talvez seu maior deslize, deixando transparecer um rei egocêntrico e impaciente.

39 *Vida de Alexandre*, 42.

Plutarco se contradiz para que se justifiquem os atos do rei. No fim, acaba por construir um personagem pelo qual o leitor pode se afeiçoar. Põe defeitos e virtudes na medida certa para que a construção do herói termine em um personagem “muito próximo de um ser humano real”<sup>40</sup>. No entanto, em seu objetivo de construir a imagem de um governante ideal, Plutarco falha.

40 ZIEGLER, 2009, *Op. Cit.*, p. 108.

Na tentativa de descrever um Alexandre bom e generoso, o biógrafo não consegue deixar de retratar seu gênio, que o levava a cometer atos impulsivos. Como se isso o eximisse de suas faltas, Plutarco sempre enfatiza que o rei se arrependia após cometer tais erros, relatando, inclusive crises de choro, como, por exemplo, após a morte de Clito, quando relata que Alexandre se encerra em sua tenda devido o arrependimento de ter matado o amigo, dando a entender, mesmo que não tivesse a intenção, que Alexandre era um indivíduo melancólico.

Pelo relato de Plutarco pode-se depreender que, apesar de bem-intencionado, corajoso e, até certo ponto de sua história, justo, Alexandre talvez não fosse, como gostaria seu biógrafo, um modelo de rei a ser seguido.

Apesar de sinalizar no início de sua obra que sua intenção não era escrever história, e sim uma biografia, Plutarco acabou por fornecer um extenso relato sobre a vida e as conquistas de Alexandre, de modo que este não pode ser ignorado enquanto fonte histórica. Sua obra deve ser apreciada pelos historiadores da maneira como seu autor a imaginou: como uma biografia. Assim, devemos analisar os relatos de Plutarco tendo em mente que podem conter imprecisões, contradições ou erros, dos quais o biógrafo poderia ou não estar ciente. Por isso, é importante que se revise a biografia plutarquiana, não para invalidar seu valor enquanto fonte histórica, mas para preencher, com o auxílio de outras fontes, as lacunas que a obra pode apresentar.

